



# O infantil como fundamento da subjetividade

O infantil não se restringe a um momento da vida. O *infans*, como indica o nome, não é falante e passa vários meses até o ser. Somente passados alguns anos, aos poucos, sedimenta a linguagem, sobre a base de outras organizações relacionais que existem desde o início da vida dos bebês, inclusive capacidades muito precoces de simbolização. A constituição subjetiva e a aquisição da linguagem são mais tardias, mas não muito, já que desde o começo, apoiada na relação parental, tem início a construção da subjetividade a partir da assunção de um lugar neste Outro.

Este caminho está descrito na obra de Freud e é retomado por Lacan ao afirmar que o ser passaria a existir a partir da assunção do significante. Um exemplo é o jogo do *fort-da* freudiano que Lacan transforma em par significante entre o qual se instala um sujeito. É assim que a pulsão impele para a repetição, buscando uma saída no universo de *lalengua* para adquirir uma linguagem, mecanismo fundante do inconsciente. A sexualidade está vigente a partir da origem do *infans* e vai se orientando progressivamente no desfiladeiro do significante. Assim vão sendo marcados os diferentes momentos de dominância oral, anal, o olhar e a voz, com todo o conjunto de acidentes que marca a trilha das fixações como fundamento da repressão. A primazia fálica emerge como *conquista* de enlaçamento ao que chamamos trânsito pelo Édipo. Édipo é um nome ficcional para nos referirmos a operações simbólico-imaginárias que dão conta da drama de alguma criação de parentesco. Mãe, pai e filho passam a ser um formato extremamente variável de acordo com a oferta cultural na qual se buscaria resolver uma ordem que contenha a pulsão, alguma interdição que possibilite a emergência do sujeito. Internalizar o limite é indispensável para sobreviver e também para não cair na dependência da proibição e sanção externas. É assim que a cultura, por via do parental, empresta elementos para construir a humanização

\* Asociación Psicoanalítica Argentina.

que não vem pré-formada. Progressivamente, internalizam-se as regras que permitem a aculturação. A psicanálise abriu todas as alternativas imagináveis antes que aparecessem as críticas ao patriarcado, que passaria a ser um formato arbitrário, ao qual se atribui de um modo perverso a qualidade de Nome do Pai. Do mesmo modo que a sexualização como consequência do destino da sexualidade não tem nenhuma categoria estabelecida. Família e aceitação de identidade sexual estiveram enclausuradas com um formato pré-estabelecido pela moral e pelas religiões, não pela psicanálise. Talvez sim por alguns psicanalistas que aderiram a morais vigentes. Lembremos que o orientador ético para Lacan, seguindo a Freud, é o desejo, ainda que este seja sexual, refere-se mais a encontrar os significantes disponíveis para apaziguar a exigência pulsional. Em função dessas considerações, a condição de *infantil* fica sujeita às convenções, sempre transitórias, dos critérios de época. Isso vale tanto para as culturas como para todas as definições “científicas”, sejam quais forem, já que, tratando-se de disciplinas que dizem respeito ao ser humano, estão sujeitas a convenções e paradigmas de época. Sirvam como exemplo as discussões de idade de imputabilidade jurídica ou a idade para o desmame na puericultura. Essa elasticidade relativa mostra que o infantil depende apenas parcialmente da evolução biológica, que evidentemente vai da falta de mielinização e precocidade altricial da criança humana até toda a coleção de desenvolvimentos maturativos, segundo Piaget, que são óbvios. No entanto, a ofensiva cultural pode tracionar os limites desses parâmetros, o que se efetiva por meio de práticas parentais disciplinares induzidas pelo regime imperante. Assim vemos desde imposição da alfabetização precocíssima até a prescindibilidade de toda a escolaridade, do mesmo modo que se rejeita todo tipo de vacinas ou assistências obstétricas apoiados em um naturalismo ortodoxo.

A proposta é hierarquizar o *infans*, não na linha de “*His majesty, the baby*”, mais ligada ao narcisismo e à atitude social ou à dos pais. Apesar da privação de uma linguagem instintual, o *infans* dispõe de uma quantidade de recursos pré-subjetivos que evitam que a inclusão na cultura seja o único que o subtraia do *Hilflosigkeit*. Isso nos leva a avaliar e tentar cuidar dos recursos originários para que não sejam arrasados pela aculturação. É comparável ao que observamos na antropologia quando se estudam os povos originários ou quando na história são abordadas épocas pré-históricas; descobrimos enormes quantidades de recursos mesmo antes da construção da linguagem e uma organização já histórica. No entanto, todos os momentos que emergem não são substituídos por momentos posteriores, mas sim consideremos uma contínua resignificação. Destaquemos uma inter-relação entre *Anlehnung* e *Nachträglichkeit*. O desenvolvimento é contínuo ao longo da vida, que inclui tendências reais alimentadas por qualidades biológicas e as fortes imposições culturais como condição de existência subjetiva. Em meio a isso está o narcisismo, que não deixa de exigir seu lugar nessa oposição entre o pulsional e o cultural. Nossa ideia é que a condição humana implica uma permanente disputa de tendências, em Freud fica claro “o mal-estar na cultura” e em Lacan “o que não cessa de não se inscrever” ou o “não há relação sexual”.

Lacan aponta três posições possíveis para a criança em relação à mãe – talvez tenhamos que dizer aos pais – : como objeto do fantasma, como falo e como sintoma. Cada uma dessas posições predispõe respectivamente à psicose, à perversão ou à neurose, ainda que talvez sejam posições universais nos progressivos momentos de interação com os pais ou inclusive lugares

que são outorgados à criança nos discursos sociais. Por exemplo, o fálico como “os únicos privilegiados são as crianças”, como objeto no filicídio ou como sintoma nas dificuldades escolares, como expressão da decadência cultural geral.

No avanço da constituição subjetiva, é inexorável a alienação do sujeito em uma determinada cultura. O gradualismo freudiano nos leva a pensar que a criança vai renunciando a seus gozos pré-genitais até alcançar a capacidade de encaminhá-los pela via da significação fálica. Esse último elo é o que a criança deverá superar para não ficar atada ao que Lacan denomina “gozo do idiota”. Somente a partir daí terá a possibilidade de agir no mundo como “adulto”. Para Freud, neste longo caminho que caracteriza o humano, haveria licenças para a condução da repressão; por exemplo, as mentiras infantis e as capacidades de fantasiar de forma lúdica. Também nessa linha se evidencia uma ativa pesquisa infantil baseada na experiência e um uso muito particular de todo saber estabelecido, sempre questionado. Mesmo sabendo, necessita verificar sua autenticidade. Um exemplo disso é a evolução do, assim denominado por Freud, complexo de castração; não basta a ameaça de deter o gozo fálico, é necessário verificar que alguns “não têm” para somente então, poder ceder. O real da excitação é sancionado pela proibição simbólica, mas só na verificação imaginária é que se estabelece o complexo.

Seguindo a Freud, a repressão induz uma espécie de latência medieval e tende a apagar – e, no melhor dos casos, encobrir – os antecedentes infantis. Talvez essas fases pré-repressivas tenham suas regras e potencialidades que conviria conservar. Ocorre, como na evolução antropológica ou nas sucessivas guerras de conquistas técnicas e religiosas, em que o posterior procura destruir, ou ao menos encobrir, o anterior. No melhor dos casos, incorpora o anterior deixando que influa no que vem. Inclusive vemos esse modelo na neurobiologia, na qual à medida que se desenvolvem funções evolutivas, apagam-se as anteriores; por exemplo, perdem-se amplas potencialidades perceptivas para se ajustar às experiências perceptivas que vão sendo oferecidas. Nessa linha mencionaria que os rastros mnêmicos não são apenas significantes, são também significados e incluem restos sensoriais. Evoco a carta na qual Freud descreve o destino do visto, do ouvido e do vivido expressos nos sonhos, nas fantasias e nos sintomas. Sempre essas experiências e vivências começam do início da vida e constituem o fundamento inicial da personalidade, do caráter e da subjetividade. São os pontos de ancoragem pulsional que, como fixações, configuravam os pilares da repressão, por conseguinte, o desenho das tendências pulsionais e desejantes.

Tomou um parágrafo da conferência 32 de Freud (1933 [1932]/1976a):

Nossa atitude para com as fases da organização da libido modificou-se um pouco, de um modo geral. Ao passo que, anteriormente, enfatizávamos principalmente a forma como cada fase transcorria antes da fase seguinte, nossa atenção, agora, dirige-se aos fatos que nos mostram quanto de cada fase anterior persiste junto a configurações subsequentes, e depois delas, e obtém uma representação permanente na economia libidinal e no caráter da pessoa.<sup>1</sup> (p. 75)

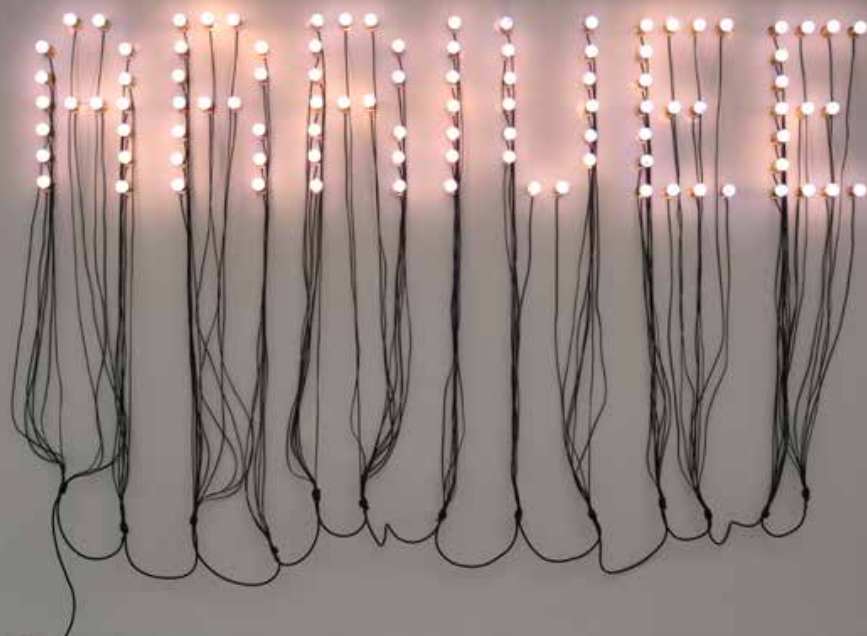
Esclareço que o conceito psicanalítico de repressão se refere aos me-

1. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 68 de: Freud, S. (1996). Conferência XXXII: Ansiedade e vida instintual. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 55 - 75). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]). Versão eletrônica recuperada em: <https://cutt.ly/6nRse4E>

canismos que fundam o inconsciente e operam de um modo dinâmico, expresso nas produções subjetivas, sintomas, sonhos, transferência etc. As diferentes categorias de repressão abrangem desde a originária até as que derivam da resolução do Édipo e são parte de uma operação complexa que tem sua história na evolução do sujeito. Destaquemos que são categorias funcionais vigentes permanentemente, seguindo sequências lógicas e cronológicas em qualquer momento da vida. A isso somamos as propriedades moebianas da constituição do sujeito e, por conseguinte, do fantasma; assim comprovamos as permanentes interações entre a realidade e o real com o inconsciente como suporte do sujeito. Isso vai desde as qualidades do inconsciente que provém do Outro familiar e cultural, até as possíveis modificações segundo a vigência dos discursos onde se inscreve o sujeito. Isso faz com que os pilares do inconsciente, constituídos pelas fixações e o sistema de repressão, interajam com as incidências das mudanças discursivas culturais e históricas. Por tudo isso a repressão cultural suscitada por um determinado discurso estabelece valores que determinam o que se pode tolerar ou reprimir em cada sujeito. As qualidades do Superego, como instância de domínio estrangeiro interior, testemunham a direta conexão entre as leis de uma cultura e a repercussão subjetiva que produzem em cada habitante. Como ocorre com as leis, tudo depende de como sejam interpretadas e aplicadas. Muitos padecimentos derivam de serem demasiadamente baseados em uma interpretação parcial do que se pode ou não se pode, e isso advém do caráter sempre arbitrário da inscrição da Lei no Superego.

O pré e pós, repressivo e subjetivo, são o verso e o reverso do caráter pulsátil da operação psíquica inconsciente, que é regida pelos processos contínuos de resignificação. O prévio sempre opera como condição de possibilidade do posterior. Não obstante, podemos dizer que se é *infans* antes de ser *parlêtre*, e se continua sendo *infans* depois de adquirir a linguagem. No entanto, nos primeiros anos de vida as expressões pré-verbais são dominantes e muito evidentes.

Todos estes argumentos apenas esboçados nos levam à ideia de que o infantil perdura toda a vida, ainda que certas dimensões se encubram ou busquem ser apagadas pelo processo de repressão psíquica e cultural. Isso é evidente nos discursos e organizações sociais, quando se impõe a repressão por meio de ameaças e castigos. Em contrapartida, são produzidos fenômenos de massa, estados emocionais ou suspensão da repressão, como por exemplo, rebeliões, revoluções ou o que observamos como desregramento nas guerras. Assim se explicam certos fenômenos de regressão que levam a descargas diretas em qualquer movimento popular, ainda que também costumem nos maravilhar quando na arte ou na criatividade científica emerge uma ruptura que dá lugar a revoluções conceituais dirigidas pela operacionalidade desse criativo que consideramos infantil. Esses fenômenos de criatividade talvez só sejam possíveis quando se harmonizam as ferramentas histórico-culturais com uma disposição sublimatória que permite que a pulsão aproveite esses recursos simbólicos adquiridos. Assim vemos surgir um Michelangelo, um Bach, um Mozart, um Newton, um Einstein e uma contínua sucessão de gênios que dependem de sua época, sua história pessoal e uma capacidade sublimatória excepcional. No entanto, é importante considerar que isso não os torna necessariamente felizes, o que nos abre novos problemas sobre a dificuldade de que reparar algumas dimensões não resolve outras.



↑  
**Départ - Arrivée, 2015**  
Christian Boltanski  
86 Red light bulbs, 99 blue light  
bulbs, electric wire  
185 x 283 cm and 190 x 305 cm  
Courtesy: Christian Boltanski  
Studio and Marian Goodman  
Gallery  
©Christian Boltanski, Licensed  
by ADAGP  
Photo credit: Rebecca Fanuele

Consideremos que as linhas esboçadas, que requereriam um desenvolvimento mais extenso, vão nos levando a ideias sobre o perdurar do infantil, que além de ser inevitável, enriquece e enche de potencialidade a condição humana. Provavelmente a hierarquização do conceito de experiência trabalhado por Walter Benjamin (1950/1982) e que agamben (1979/2001) continua, defenda essa dimensão abrindo um novo sentido à necessidade lúdica experimental e experiencial como caminho para a criação. E, justamente, se volte a propor a luta cultural para suprimir o infantil educado em extremo, com o óbvio risco, parafraseando a Freud, de “jogar fora a criança junto com a água do banho”. Mas, por outro lado, sem certas afirmações simbólicas de axiomas rígidos, não se constrói uma disciplina artística, científica ou social. Justamente, é o infantil que sempre denuncia que, não havendo um instinto que nos guie, por que não se inventar a cada momento fazendo, experimentando e divertindo-se com aparências carnavalescas. Consideremos todo o tipo de divertimentos aos quais a sociedade se dedica, parodiando o brincar infantil cotidiano, o que vemos em crianças que não estejam deprimidas ou subjugadas. Agamben aproveita o desenfrear do lúdico – que muitas vezes não se diferencia da algazarra dos jogos e festejos infantis –, das crianças não alienadas em um discurso que incrementa a repressão, para nos introduzir ao infantil como recuperação do conceito de experiência, seguindo ele, perdido culturalmente na Primeira Guerra Mundial.

Uma pergunta imprescindível que nos diz respeito como analistas é o que sustenta a cansativa tarefa de analisar, a não ser a pulsão pela via da curiosidade infantil. Logicamente que sustentar o desejo do analista requer mais alicerces do que dar satisfação a nossos ouvidos, a nossos olhos ou qualquer sensorialidade da experiência analítica. No entanto, para que essa perseverante tarefa tenha algo de prazeroso, necessita da sublimação dessa curiosidade na busca de sentido no relato do analisante. Sem essa curiosidade e, especialmente, a conservação dessa posição

não preconceituosa e o mais desavisada possível, como observamos na pesquisa infantil, é difícil descobrir coisas que não sabíamos, inclusive a possibilidade de sustentar um *quantum* de insatisfação para relançar muitíssimas vezes a escuta, como a criança lança muitas vezes uma bola sabendo que não fará um gol. E ainda que faça um gol, volta a lançá-la. Sabemos que a essência do jogo é perder ainda que esteja disfarçada do afã de ganhar. Assim, compreendemos a dominância da pulsão com sua qualidade de morte como traço principal. Um modo de compreender a qualidade de morte é a repetição. Uma essência da cena analítica como espaço experiencial é a repetição, talvez o menos ritualizada possível, de relançar o desejo do analista para localizar o desejo do analisante. E é na ausência da possibilidade desejante do analisante que se pode dar oportunidade a que se construa.

Sem fazer apologia do infantil, reconheçamos que os pilares ativos do que somos provêm dessa fonte. Assim, seguindo Freud, é também de onde provêm os sonhos e onde se apoia o núcleo de nosso narcisismo. É ainda daí que provêm os traumas que nos marcam, criando os ritmos e as modalidades de toda nossa vida. É essa a origem do Desejo com sua qualidade sexual e edípica. Da mesma forma, toda neurose adulta está antecedida pela infantil.

À medida que a psicanálise foi se construindo e aprofundando os fatores mais determinantes das qualidades e dos conflitos na vida, foi deslocando os saberes ao mais precoce. Assim aconteceu com a origem da subjetividade, do Édipo e das primeiras conformações egoicas, e também com a criação das bases da identidade sexual. Não quer dizer que o posterior não tenha incidência, ainda que a terá conforme altere o equilíbrio que se conquista nos primeiros momentos da vida. Compreender as séries complementares freudianas é admitir que a base da equação sobre o constitucional e a história aponta para a infância, e o fator desencadeante é o circunstancial atual. Provavelmente, o autêntico limite – parafraseando o leito de rocha – talvez seja essa base originária infantil que se refere à castração como empecilho de mudança ou obstáculo da análise.

Uma evidência da potencialidade infantil é a geração que vai sendo denominada de *millennials*, formada por indivíduos que são caracterizados como nativos digitais, diferentemente daqueles que tem que adquirir, aprender com maior dificuldade e limitações o uso de redes, dispositivos e programas de informática. É óbvio que o momento no qual se incorpora uma linguagem ou conhecimento precoce, aproveita-se a janela que o infantil oferece e isso sedimenta como base das capacidades posteriores. No entanto, naqueles que não pertencem aos *millennials* e existem capacidades criativas e de aprendizagem, talvez se conserve a liberdade lúdica que as crianças apresentam.

A capacidade de imaginar, criar e fantasiar, que é tão óbvia na infância, provavelmente é o que facilita a plasticidade para incorporar novas habilidades e conhecimentos. Talvez, submersos nesse tema, teríamos que considerar em que medida a capacidade de se analisar e analisar depende da expressão dessas dimensões pré-repressivas de um modo sublimado, levando em consideração que seja adequado a um sentido de transformação tão próprio da disposição infantil, nesse sentido, explorar, experimentar e se transformar com uma liberdade ainda não restrita pelos imperativos morais e culturais.

Por último, levemos em consideração que o novo emerge pelos jovens

e pelas crianças; devido à carência de inibições e seu contato com as variações do Outro, elas trazem as novidades. Não é somente por necessidade de se diferenciar dos adultos, mas por sua proximidade mais livre para ser atravessados pelas transformações do simbólico. O grande Outro não é criado apenas por fósseis decantados de gerações anteriores, também vai sendo criado e nutrido pela operacionalidade permanente da espécie que continua produzindo significantes. Talvez também transformando-se e recombinando-se, enquanto for apoiado por seres falantes; esse apoio como agentes de mudança é dado pelos sujeitos que se originam e crescem. Biologicamente, estamos sujeitos a um programa genético inexorável a ser percorrido por cada pessoa que se incorpora a uma sociedade. A evolução cultural não está sujeita tão rigidamente a um programa pré-estabelecido, temos que aspirar a alguma esperança de mudança na qual melhore a qualidade do discurso social para cuidar das potencialidades da espécie. No entanto, há uma típica tendência à repetição de certos fracassos, que, diferentemente do que ocorre com as crianças “saudáveis”, não parecem deixar uma aprendizagem. À típica afirmação bioniana de aprender com a experiência, talvez acrescentaria freudianamente *para não repetir*; isso requer defender a alegação de Benjamin de sustentar a possibilidade da experiência. E para não deixar Lacan de fora, digamos que em *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* (1971/2009), discurso de lançamento de seus ensinamentos, menciona 51 vezes a palavra *experiência*. É um modo de evitar a imposição de um saber que apague a possibilidade de experimentar com liberdade para não estereotipar o infantil e anular a possibilidade de mudança.

## Resumo

O trabalho propõe que o infantil está vigente ao longo de toda a existência, expressando-se de diferentes modos em cada idade. Relaciona o *infans* com o pré-repressivo e propõe os destinos posteriores à repressão. O pré-verbal subjaz e se articula com o verbal, outorgando possibilidades à criatividade. Tudo isso está condicionado pela cultura e pelos paradigmas vigentes. Citando ideias de Agamben e Benjamin, o infantil é apresentado como a fonte de toda experiência. O lúdico evidencia sua operatividade, tanto na infância como nas sucessivas etapas da vida. Situa a tarefa analítica, tanto do lado do analista, como do analisante, como expressividade desse motor infantil associado com a capacidade sublimatória. O infantil seriam os recursos essenciais para renovar e enriquecer a cultura. O Outro estaria em uma constante transformação, e as novas criações se evidenciam nos mais jovens e também são propiciadas por eles.

**Palavras-chave:** *Experiência, Repressão, Sublimação. Candidata a palavra-chave: Infantil.*

## Abstract

The article suggests that the infantile is present throughout the entire existence of a person, expressing itself in different ways at each age. The author links the *infans* with the pre-repressive and proposes the destinations after the repression. The preverbal underlies and is articulated with the verbal, providing possibilities for creativity. All this is conditioned by the culture and current paradigms. Quoting ideas from Agamben and Benjamin, the infantile condition is presented as the source of all

experience. Playfulness shows its operation both in childhood and in the successive stages of life. The author places the analytic task, both on the side of the analyst and that of the analysand, as the expressiveness of this infantile motor associated with the sublimatory capacity. The infantile would be the essential resources to renew and enrich culture. The Other would be in constant transformation and new creations are evident in the youngest and are also contributed by them.

**Keywords:** *Experience, Repression, Sublimation. Candidate to keyword: Infantile.*

## REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2001). *Infancia e historia*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo. (Trabalho original publicado em 1979).
- Benjamin, W. (1982). *Infancia en Berlín hacia 1900*. Madrid: Alfaguara. (Trabalho original publicado em 1950).
- Bion, W. (1987). *Aprendiendo de la experiencia*. México: Paidós.
- Freud, S. (1976a). 32ª conferencia: La angustia y la vida pulsional. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 22). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]).
- Freud, S. (1976b). El interés por la psicología evolutiva. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 13). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (1976c). Introducción del narcisismo. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1976d). Los orígenes del psicoanálisis (correspondencia con Fliess y "Proyecto de psicología"). Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950 [1887-1902]).
- Freud, S. (1976e). Más allá del principio del placer. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1976f). Tres ensayos sobre teoría sexual. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).
- Lacan, J. (1987). *Nota sobre el niño*. El Analítico, Psicoanálisis con niños. Correo Paradiso. Barcelona.
- Lacan, J. (2006). *El seminario de Jacques Lacan, libro 20: Aun*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Lacan, J. (2009). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. Em T. Segovia (trad.), *Escritos I* (pp. 231-309). México: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1971).
- Lacan, J. (2012). *El seminario de Jacques Lacan, libro 19: o peor*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1971-1972).
- Peskin, L. (2003). *Los orígenes del sujeto y su lugar en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- Peskin, L. (2008). Psicología evolutiva y psicoanálisis: Observación de bebés y el vínculo con sus madres. Em C. R. Schejtman (comp.), *Primera infancia: Psicoanálisis e investigación*. Buenos Aires: Akadia.
- Peskin, L. (2015). *La realidad el sujeto y el objeto*. Buenos Aires: Paidós.